



Natural de sua idade, adorava música jovem, mas, tinha por uma de suas preferidas "O ÉBRIO", de Vicente Celestino. Vez outra, gostava que o pai cantasse e, na parte declamada, seus olhos marejavam.

Não temia a morte, dizia saber não viver muito.

Certa ocasião, ainda pequena, perguntou:

– Se a gente morresse e pudesse voltar em outra coisa, o que a mamãe gostaria de ser?

Respondi que talvez uma flor... Ela, na sua preferência, gostaria de ser uma estrela. Do alto veria a todos na Terra e todos a veriam também. Agora percebo quão profundo aquele pensamento.

Amava o mar, a natureza e o pôr do sol. Sonhava ser águia, formar-se em oceanografia e ser uma viajante para o Havaí.

Tudo quis ser. Hoje... é a nossa saudade, a saudade dos que a quiseram e a minha certeza de que a vida continua, que permanece mais viva que antes, dando-nos força e coragem.

Partida

O dia amanheceu lindo, 20 de junho de 1980, sexta-feira.

Em agitada tarde de preparação para viagem, estariamos a festejar o São João, juntamente com amigos numa cidadezinha próxima. Seria uma semana de festas.

No canto, as malas esperavam o tempo de viajar como que sorrindo com a múltipla variedade de roupas no seu interior, simbolizando a alegria.

A casa vibrava com o som do último disco comprado por Cris. Naquela manhã, minha última lembrança... Cris deitada no tapete, de bruços, ouvia esse disco com companhia de amiga.

Saí em busca de genipapo para um licor, foi num instante... de repente... tudo acabado. Não sabia como e nem por quê. Parecia uma enorme loucura, uma terrível mentira, um doloroso pesadelo.

Cristiane morria em minhas mãos... e com ela, também, me sentia morrer.